



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



FOTOGRAFIA ANALÓGICA E DIGITAL COMO PROCESSOS EDUCATIVOS:

Por uma formação sensível do olhar. ¹

Amanda Ribeiro Bolonha Soares Wanzeller²

A fotografia sempre esteve para mim menos como uma técnica e mais como um modo de estar no mundo. Aprendi a olhar antes de aprender a fotografar, e talvez tenha sido por isso que a câmera se tornou extensão do corpo, da escuta e da presença. Este trabalho nasce desse lugar: do encontro entre a prática fotográfica e o ensino, entre a rua e a sala de aula, entre o gesto íntimo de observar o mundo e a possibilidade de convidar outros a observá-lo também. Propomos analisar como a metodologia de ensino da fotografia baseada no resgate do processo analógico atua como um potente dispositivo para a desaceleração do olhar e a formação sensível, confrontando a cultura do consumo imediato da imagem digital.

Ao longo dos anos, transitando entre aulas particulares, oficinas em comunidade, formações livres e projetos independentes, percebi que o olhar é algo que pode ser educado. Não no sentido de enquadrar, organizar ou disciplinar, mas no sentido de sensibilizar. O olhar pode ser aberto, afiado, aguçado para o que antes passava despercebido. Ele pode aprender a acolher, a habitar o instante e a não ceder à pressa imposta pela tecnologia. Este é o convite central do projeto: transformar o indivíduo de consumidor passivo em autor consciente e presente.

Susan Sontag (2004) afirma que fotografar é interpretar o mundo, e não reproduzi-lo. Cada fotografia é uma escolha: escolher onde colocar o corpo,

¹ Trabalho apresentado no GT “Fotografia e educação”.

² Pesquisadora independente, e-mail: amanda1bologna@gmail.com



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



que instante guardar, o que considerar digno de permanecer. Fotografar é dizer silenciosamente: isso importa. E quando ensinamos alguém a fotografar, estamos ensinando esse gesto ético e afetivo: como você escolhe ver o mundo? No entanto, vivemos um tempo em que a imagem se tornou quase descartável. Fotografamos tudo para esquecer. Fotografamos para provar que estivemos, e não para estar.

Flusser (1985) já alertava que o aparelho fotográfico possui um programa que tende a nos conduzir a um gesto automático. O clique se torna reflexo, repetição, consumo de instantes. O olhar se apressa. A onipresença da imagem, o "inundamento" visual (Sontag, 2004), gera uma fragilização da atenção. A urgência de uma Educação do Olhar se torna, portanto, imperativa, especialmente ao considerarmos que, conforme Boris Kossoy (2001), o olhar nunca é neutro, sendo sempre moldado por "filtros culturais". Romper com esses filtros significa reintroduzir o valor e o peso ontológico à imagem.

A metodologia aqui proposta alinha-se, em sua estrutura fundamental, à Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (2014) — fazer, apreciar e contextualizar — mas com uma modulação no ritmo. O foco no processo analógico intenciona desativar a lógica do imediato para ativar a lógica do sensível. O tempo do analógico é a chave para a formação de um olhar que valoriza o processo, a autoria e a narrativa.

Foi por isso que, durante meu percurso, a fotografia analógica se tornou aliada pedagógica e estética. A câmera de filme exige tempo. Exige espera. Exige corpo firme, paciência e cuidado. Ao contrário do digital, que mostra o resultado no mesmo segundo, o analógico nos coloca diante de algo que ainda não existe. Fotografar, nesse caso, é confiar. A gênese do projeto, impulsionada por uma vivência pessoal na Europa e pela observação da



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



curiosidade genuína das crianças sobre "de onde surgiu" a imagem, confirmou a potência pedagógica desse gap temporal.

O cerne da metodologia foi a introdução de câmeras simples de filme, definindo o ato de fotografar como um compromisso com o tempo longo. A experiência funcionou como um potente antídoto pedagógico, onde o sossego residia no intervalo entre o clique e o ver. A espera pelas imagens reveladas, tangíveis e limitadas pelo rolo de filme, forçava a concentração e afastava a urgência eletrônica.

Ao receberem a foto impressa, a materialidade e o cuidado com a única cópia, desestruturavam a expectativa do instantâneo e operavam o deslocamento da relação consumista. Não havia um laboratório físico improvisado por questões financeiras e logísticas, mas o rito se manifestava na entrega: abrir o envelope era como abrir uma carta, um vestígio concreto de um instante passado. Este rito de antecipação e materialização, ecoando o método sensorial de Miguel Chikaoka (2016), reforçava que a escolha do clique era uma decisão de peso e valor. O tempo da espera não é um vazio, mas um tempo de presença e atenção.

Lembro de um grupo de estudantes em uma comunidade periférica. Câmeras simples, filmes de 24 poses, nenhuma garantia. Saíram pelas ruas fotografando suas próprias vidas. Não havia pressa, porque não havia como ver o resultado. Eles precisaram olhar de verdade. Quando revelamos as fotos, dias depois, abrimos os envelopes como quem abre cartas. Havia surpresa, cuidado, silêncio. Alguns reconheceram em si beleza que jamais tinham atribuído a si mesmos. Outros descobriram que o lugar de onde vêm também pode ser poesia.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



As exposições que organizei com alunos também foram parte essencial desse processo. Elas não eram apenas mostras, mas dispositivos educativos que validavam o trabalho dos participantes. Ao expor suas imagens em seus próprios espaços, a comunidade passava a ver a si mesma através dos olhos das crianças. Percebia-se que os alunos descobriram que o mundo podia ser visto com cuidado. Eles refletiam ativamente sobre as imagens e entendiam que a fotografia é uma narrativa com valor social.

O ponto de virada pedagógico era a validação da narrativa dos alunos. O ciclo completo transformou-os de consumidores em autores respeitados, fortalecendo o sentimento de pertencimento. O projeto ressoou na comunidade, com as exposições alcançando um público expressivo de até 150 pessoas em um único evento. Esse número comprova a relevância social da iniciativa e a capacidade da fotografia de construir pontes e valorizar narrativas visuais locais.

Os resultados práticos e afetivos da metodologia são inegáveis. A paciência exigida pelo analógico elevou o nível de crítica e o cuidado em cada registro, fazendo com que os alunos exercessem um olhar mais perspicaz sobre o cotidiano. O sucesso comunitário comprova a relevância e a capacidade da fotografia de construir pontes e valorizar narrativas visuais locais. A experiência confirma os estudos de Ferreira e Costa (2010) sobre os "olhares de pertencimento", onde a produção da própria imagem é um ato de inclusão social e fortalecimento da identidade, oferecendo um espelho de valor e autoestima. Ao ver sua imagem impressa, exposta e valorizada pela comunidade, o estudante experimenta a concretude do seu potencial criativo e a afirmação de que eu existo e o que eu vejo importa.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Sontag (2004) nos lembra que colecionamos fotografias como quem coleciona pedaços do real para que não se percam. Flusser (1985) insiste para que não sejamos dominados pelos aparelhos. Entre esses dois pensamentos, habita o lugar em que me coloco: ensinar fotografia é ensinar como permanecer humana diante das imagens.

O resgate do processo analógico demonstrou ser uma ferramenta pedagógica viva e urgente contra a dispersão da cultura digital. A desaceleração imposta, o sossego oferecido e o rito da materialização funcionam como uma pedagogia da atenção, resgatando a ética do olhar em um mundo de automatismos. Concluímos que a verdadeira missão da educação fotográfica reside em transformar o indivíduo de espectador passivo em autor sensível, ensinando que o tempo da fotografia é o tempo da presença plena no mundo. Educar o olhar é educar também a maneira de existir.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia Analógica; Educação do Olhar; Formação Sensível; Rito Analógico; Relato de Experiência; Presença.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CHIKAOKA, Miguel. **O Rito da Imagem: a fotografia como dispositivo filosófico-pedagógico**. Belém: Gráfica e Editora do Autor, 2016.

FERREIRA, Gilda; COSTA, Lygia. **Olhares de pertencimento: fotografia e educação em projetos sociais**. São Paulo: Ed. Senac, 2010.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Hucitec, 1985.

KOSSOY, Boris. **Olhar fixo: o tempo da fotografia brasileira**. Rio de Janeiro: Funarte, 2001.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.